



Vacinas, uma nova esperança no combate ao vírus sincicial respiratório

Opinião



Miguel Prudêncio

As infeções respiratórias de origem viral constituem uma das causas de mortalidade por doenças infecciosas mais prevalentes no mundo. São vários os agentes virais causadores deste conjunto de doenças, sendo também diversas as suas manifestações clínicas e os grupos da população mais vulneráveis a cada uma delas. Contudo, embora já disponhamos de vacinas eficazes contra vários destes vírus, como os causadores da gripe e da covid-19, outros existem para as quais esta preciosa ferramenta de proteção ainda não está disponível. Entre estes, o vírus sincicial respiratório (VSR) assume particular relevância, pelo seu enorme impacto em recém-nascidos, bebés e crianças.

Entre nós, o VSR tem circulação sazonal, com maior taxa de deteção no final do outono e início da primavera. Embora possa provocar doença respiratória em pessoas de todas as idades, o VSR é a causa mais comum de doença das vias respiratórias inferiores em crianças até aos cinco anos de idade.

Cerca de 1 a 3% dos casos em bebés entre os dois e os seis meses de idade requerem hospitalização, muitos deles em unidades de cuidados intensivos, tornando o VSR responsável por um terço das mortes relacionadas com a infeção respiratória inferior aguda até um ano de idade.

Na verdade, o VSR é, a nível global, a segunda causa de morte em bebés com idades compreendidas entre um mês e um ano, apenas sendo ultrapassado pela malária nesta terrível estatística.

Embora seja particularmente problemático em bebés prematuros e em crianças com problemas cardíacos e respiratórios, o VSR pode também ser uma importante causa de morbilidade em pessoas idosas e imunocomprometidas. Segundo o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, na primeira semana de novembro de 2022, 66 bebés foram internados em Portugal com este vírus, o que representou mais de 80% das hospitalizações em crianças com idade inferior a dois anos por infeção respiratória aguda.

Na ausência de uma vacina contra o VSR, a prevenção da sua transmissão é semelhante à de outros vírus, nomeadamente através da lavagem das mãos e do cumprimento da etiqueta respiratória. Apesar disto, as infeções por VSR nos primeiros meses de vida são extremamente comuns, estimando-se que todas as crianças sejam infetadas por este vírus até aos dois anos de idade. As consequências deste facto são, como atestam os números acima, potencialmente graves e motivo de justificada preocupação.



Este vírus é a causa mais comum de doença das vias respiratórias inferiores em crianças até aos cinco anos. Até agora, sem vacinas

No entanto, há razões para estarmos esperançosos relativamente ao futuro do combate à doença causada pelo VSR. Num recente artigo, intitulado "Will a new wave of RSV vaccines stop the dangerous virus?", a revista *Nature* dá-nos conta dos recentes progressos no desenvolvimento de vacinas contra o VSR. Este artigo surge na sequência do anúncio dos resultados de um ensaio de fase 3 de uma vacina de mRNA [ARN-mensageiro] contra o VSR.

Este estudo mostrou que a vacina, desenvolvida pela empresa farmacêutica Moderna com base na mesma tecnologia que a utilizada na produção de vacinas altamente eficazes e seguras contra a covid-19, teve uma eficácia de 83,7% na prevenção da doença causada pelo VSR em adultos acima dos 60 anos de idade. Resultados semelhantes tinham já sido anteriormente reportados para outras duas vacinas desenvolvidas pelas empresas Pfizer e GSK.

Todas estas vacinas aguardam agora aprovação para utilização nesta faixa etária. Contudo, é na prevenção da doença em bebés e crianças que elas poderão vir a revelar-se mais determinantes. Desta forma, a Pfizer solicitou já autorização para a utilização da sua vacina em mulheres grávidas, visto que os dados mostram que os anticorpos maternos assim gerados chegam ao feto através da placenta, protegendo os bebés durante os primeiros meses de vida. O passo seguinte poderá vir a ser o da aprovação de vacinas contra o VSR para recém-nascidos e bebés, contribuindo assim para uma drástica redução no número de hospitalizações e mortes precoces causadas por esta doença.

O combate às doenças infecciosas do trato respiratório deve passar, acima de tudo, pela sua prevenção. As vacinas estão, sem qualquer sombra de dúvida, entre as medidas cujo rácio benefício/custo na prevenção das consequências mais graves das doenças infecciosas, incluindo as respiratórias, é maior. Uma vacina contra o VSR, quando vier a ser disponibilizada, será não só mais uma conquista científica de valor inestimável, como também um passo decisivo para a proteção dos mais vulneráveis contra os riscos que este vírus representa.

Investigador do Instituto de Medicina Molecular e professor de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

